

MV, CP 1449, 01415 SP

Meu caro amigo Milton, espero que o Micha te entregou minha carta de 7/3. O Viki, que nao conseguiu ver-te, contou que Duas Cidades vao finalmente editar "Pos-historia", e que voce escreveu orelha. Muito obrigado, e quais as novidades?

S. Francisco: Muito me comoveu o episodio por ti relatado entre ele e Sta. Chiara. O que mais me tocou foi "a porta". Sei que se trata de simbolo abusado pelo pensamento analogico e metaforico, (todos os profetas e fundadores de religoes, inclusive Jesus, se assumem "portas", e, se nao me engano, o fundador do Bahai se chama, expressamente, "Bab", isto e porta). Nao obstante, o fenomeno concreto da porta, e a funcao concreta de tal instrumento, sao fenomeno e funcao iniciaticos, e, mesmo sem analogia, convidam a reflexoes do tipo que voce esta sugerindo. Voce diz que "amar-se atravez a porta e coisa de santo". A cabeça me gira se reflito sobre o que voce esta dizendo.

Urge primeiro, antes de refletir sobre o fenomeno da mediacao, ("atravez a porta"), distinguir entre porta e janela. Janela e instrumento otico, serve para deixar entrar a luz e para olhar-se por ela, e pois instrumento de "teoria". S. Francisco e anti-platonico, porque nao amou Sta. Chiara ~~atravez a janela~~ <sup>como Romeu amou Julietta</sup>. Porta e instrumento mecanico, serve para entrar-se e sair-se do privado, e pois instrumento para a privatizacao da politica e politizacao do privado. Porta e um medium publicitario, e, inversamente, um medium pelo qual a publicidade entra no privado. Mas, no caso de S. Francisco e Sta. Chiara, a porta comunicava entre duas privaticidades. O "amor" entre os dois era relacao privada? Ou nao era, muito pelo contrario, relacao publica, ja que passou por porta? Publica no sentido de servir de modelo de comportamento? Se compararmos o amor platonic de Romeu com o amor franciscano, o que nos toca no segundo e precisamente essa sua "modelaridade". O impacto politico da coisa.

A porta enquanto mediacao iniciatica e tao fascinante por ser ambivalente. Inicia o intruso, ("hospes"), na intimidade, mas tambem inicia o morador da casa, ("idiotes"), no mundo. Mas sua ambivalencia vai mais longe. E possivel expulsar-se o intruso pela porta, e e possivel passar-se pela porta afim de refugiar-se do mundo. Toda iniciacao se revela o outro lado da medalha "exclusao", e todo iniciado pode ser igualmente considerado como refugiado, ("outsider"). Isto parece banal: toda imigrante e obviamente emigrante. Mas a banalidade desaparece se considerarmos o problema da "eleicao": a elite se revela, sob visao da porta, como corpo expulso da comunidade. Mas no caso S.F.-Sta.C. a situacao e outra. La, a porta inicia um no outro. O amor entre os dois e inicio de superacao da condicao humana, (do "ser-para-a-morte"), porque um se confunde com o outro: um e intruso e refugiado no outro, e admite o outro enquanto intruso e refugiado. Pois tal fusao de um no outro e "imortalidade", porque a morte e situacao de limite apenas para um e outro. O amor dos dois atravez a porta e modelo de imortalidade.

A porta enquanto mediacao poe o problema da imediato. S.F nao se funde imediatamente em Sta.C., funde-se nela por intermedio da porta. Aparentemente, isto tem a ver com o problema da meretriz por ti levantado: copular imediatamente e "pecado". Mas e facil demais querer destarte banalizar o cristianismo, ao di-

zer que "pecado" para o cristianismo e a fusao imediata na e com a natureza. A coisa vai mais longe, toca o problema do misticismo, e caracteriza a diferenca entre judaismo e cristianismo. S.F.-Sta.C. parecem dizer que a uniao mistica, essa fusao do Eu no Nao-eu, e mediatizada pela porta, (por Cristo), e, se nao for assim mediatizada, e pura perda e perdicao do Eu. O judaismo, pelo contrario, parece afirmar que toda mediacao nega a uniao do homem em "Deus", e que a meretriz e "pecado" tanto quanto o e a porta, porque interpoe um "canal" entre mim e o totalmente outro. Em outros termos: "amor cristao" e o amor entre duas pessoas por intermedio de "Deus", e "amor judeu", (ahava), e o reconhecimento de "Deus" 'sobre todas as coisas': "Amaras JHVH sobre todas as coisas, com todo teu coracao, com toda tua alma, e com tudo que te restar depois disto". (Estou citando de cor.)

Mas se considerarmos a porta entre S.F. e Sta.C. esta diferenca entre o cristianismo e o judaismo, (portanto aparentemente violenta), desaparece. Porque a porta enquanto mediacao, (o Cristo enquanto Salvador), e rigorosamente nada. A porta entre os dois santos esta "aberta", e deixa de ser porta. De maneira que o "amor cristao", modelarmente exemplificado pelos dois santos, e rigorosamente identico com o "amor judeu". A porta, (o Cristo), se revela metodo, e nao canal, se revela "a maneira como", e nao "algo". O Cristo, para S.F. e Sta.C., se revela a maneira como fundir-se um no outro imediatamente. E isto e "amor judeu": a maneira como amar "Deus" sobre todas as coisas e, no judaismo, amar o outro como a si proprio. E, se voce concordar com esta reflexao tortuosa, a diferenca entre o judaismo e o cristianismo vai passar para plano secundario: por certo, o cristianismo admite mediacao, (Nossa Senhora Mediadora), o que para o judaismo e puro paganism. Mas o proprio cristianismo afirma ser tal mediacao secundaria, e a ser apagada, se for alcançado o amor imediato, tal qual e modelarmente demonstrado pelos dois santos. Sera a diferenca entre judaismo e cristianismo, responsavel por tanto sofrimento, mera diferenca de terminologia?

Mas S.F.-Sta.C. apontam outra diferenca, esta si violenta: a entre o judeo-cristianismo de um lado, e o misticismo "pagao" do outro. Os dois santos afirmam que a porta, embora aberta, distingue a uniao autentica da uniao pecaminosa. Isto, com tua permissao, sugere que S.F. nao e, afinal das contas, o pai do empirismo cientifico, esta forma ocidental do misticismo pagao. Embora tenha no inicio concordado contigo que S.F. tonna habitual e habitavel a natureza, agora discordo. O clima pagao que caracteriza a ciencia natural, (humanizar a natureza= naturalizar o homem, Marx), esta ausente em S.F. Se S.F. "fala com os passarinhos" precisamente nao esta falando sobre eles. Nao faz ornitologia. Fala com eles, como fala com Sta.C., atravez a porta. Nao copula com os passarinhos, como o faz a genetica experimental, mas os "ama". Mas esta reflexao sobre o misticismo pagao inerente na ciencia e tecnica levaria a carta muito longa demais: conto com tua intuicao do que se passa no meu pensamento.

Resumindo: O episodio S.F.-Sta.C. merece ser refletido ao nivel teologico, ontologico, epistemologico, politico e existencial, porque modela a questao "mediato-imediato". E quem conhece Assisi, Cimabue, a Igreja Sta. Chiara etc., refletira melhor sobre isto. Abracos, saudades, e escreva rapidamente.